

NICOLE MARIANA RAMOS DOS SANTOS

ALÉM DAS MEDIDAS:

Problemáticas cotidianas enfrentadas por mulheres gordas

Rio de Janeiro

2023

NICOLE MARIANA RAMOS DOS SANTOS

ALÉM DAS MEDIDAS:

Problemáticas cotidianas enfrentadas por mulheres gordas

Pré-projeto de Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Orientador(a): Prof. Marcus Vinicius Monteiro

Pedroza Machado

Co. orientador: Prof. Doutor Wallace Lopes Silva

Rio de Janeiro

2023

SUMÁRIO

1 EPÍGRAFE	04
2 DEDICATÓRIA	05
3 INTRODUÇÃO	06
4 PRIMEIRO CAPÍTULO	08
5 SEGUNDO CAPÍTULO	15
6 AGRADECIMENTOS	22
7 REFERÊNCIAS	25

*“De certa forma, amar a mim mesmo
Pode ser mais difícil do que amar outra pessoa
Vamos ser honestos e admitir
Seus padrões são mais rigorosos quando são
aplicados a você mesmo
O grande anel de crescimento da sua vida
É uma parte de você, é quem você é
Agora vamos perdoar a nós mesmos
Nossas vidas são longas, confie em si mesmo
quando estiver num labirinto
Quando o inverno passar, a primavera
chegará”*

(BTS)

Dedico este trabalho às milhares de mim que um dia se sentiram tão sozinhas, mas que, agora, terão a minha escrita como munição e coragem para enfrentar o padrão de beleza excludente e cruel e se rebelarem contra ele e o Sistema que o impulsiona.

AGRADECIMENTOS:

Realizar esse trabalho e concluir meu ensino médio não foi uma tarefa fácil. Foram muitos percalços e dificuldades que, muitas vezes, me fizeram pensar que eu não aguentaria terminar. Mas, nesses momentos, tive pessoas incríveis na minha vida que me ampararam e me fizeram querer continuar esse desafio que foram esses 4 anos de Escola Politécnica Joaquim Venâncio e eu jamais poderia esquecer de agradecê-las.

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador e professor Marcus Vinicius Monteiro Pedroza Machado pela paciência, confiança, dedicação e sensibilidade nesses quase dois anos de pesquisa e desenvolvimento desse trabalho.

Meus amigos foram peças fundamentais na história da minha vida e não poderiam deixar de fazer parte desse período tão marcante para mim então agradeço aos meus amigos do FULECO, que fiz durante esses quatro anos e que jamais me abandonaram em um dos momentos mais difíceis que tive a sorte de compartilhar com eles. Tenho muito orgulho de todos e sei que todos também tem orgulho de mim. Agradeço também aos meus melhores amigos de longa data. À Karine, Hevilen e Sávio eu só posso dizer obrigada. Obrigada por terem aceitado e entendido todos os não que precisei dar quando me convidaram para sair e tive que virar a noite escrevendo meu TCC. Obrigada também por cada mensagem de apoio e de carinho que me mandaram quando eu estava prestes a surtar, passamos por momentos difíceis em relação à minha vida e, graças a vocês, posso contar isso como algo que vivi e consegui superar. Cada abraço ou respostas aos meus áudios no WhatsApp que mais pareciam podcasts me fizeram lembrar o quanto sou amada, respeita e importo para vocês. Aos meus amigos ADOLECOS também agradeço e reitero o quão especial foram vocês para mim e para minha trajetória. Obrigada especial, também, para a minha amiga Salvador que esteve comigo em uma das fases mais difíceis da minha vida e foi pra mim tudo que eu mais precisava e mais admiro numa amizade, todos esses anos e, em especial, esse último ano você me fez a pessoa mais feliz e amada do mundo, obrigada por tudo.

Agradeço também à minha irmã e mãe por terem me apoiado e terem dividido o dia a dia estressante de quem precisou passar horas em frente a um computador escrevendo e pesquisando durante dois anos.

Em especial, aos meus meninos, que me acalmam e me confortam com suas músicas e palavras de apoio há mais de 7 anos eu sempre serei grata e sempre amarei todos com todo meu

coração, obrigada por estarem comigo e terem acompanhado minha infância, adolescência e, agora, vida adulta.

Em suma, me sinto grata e muito feliz por concluir esse trabalho, à minha mini eu que entrou nessa escola sonhando com o mundo tenho certeza de que você está muito orgulhosa de mim e do que fizemos juntas, saiba que você estará sempre na frente de todas às minhas decisões. Retorno à Politécnica com esse trabalho em gratidão a todo o trabalho, apoio e ensinamentos que me passaram. Além de uma formação técnica e de Ensino Médio essa escola me ensinou a ser um ser político e crítico e isso é a coisa mais importante que poderiam ter feito por mim.

INTRODUÇÃO:

Por que a ditadura da magreza constrói um padrão de beleza que exclui e oprime mulheres gordas? Como esse padrão afeta a saúde física e mental dessas mulheres? Desde os primórdios da sociedade e construção das sociedades ocidentais originárias, como as romanas, há a idealização de um determinado corpo a ser alcançado pela projeção do ideal. Seguindo essa lógica, nos tempos atuais, no mundo capitalista, há essa idealização do corpo perfeito que, com a globalização, fez a padronização mundial de culturas, costumes e corpos se tornar presente na sociedade ocidental, reformulada pela ótica do iluminismo e da Revolução Industrial, construindo uma ideia hegemônica e opressora sobre os corpos que desviam da lógica comercial da indústria da magreza. Portanto, nessa breve exposição, o problema se caracteriza em compreender o projeto político e ideológico da normatização de corpos perfeitos e comerciais que configuram o modelo educativo sobre outras corporeidades que escapam e confrontam com discursos vigentes e dominantes sobre o corpo de mulheres gordas. Assim, vale ressaltar que entendemos enquanto o termo “mulheres gordas” como uma posição política mediante a um sistema que rotula, adjetiva e define corpos magros como saudáveis e perfeitos e o corpo gordo sendo aquilo restrito à dimensão do descuido: doentio e indesejável. Partindo dessa premissa, optamos em colocarmos nossa posição corpórea em oposição ao status da falsa ideia de magreza saudável. (MACHADO, Andressa. 2018)

Ser uma mulher na sociedade brasileira implica em muitas problemáticas que são impostas às mulheres, cotidianamente, por uma estrutura social patriarcal e machista. Contudo, ser gorda implica em alguns outros problemas extras que afetam diretamente a saúde mental e autoestima feminina. Nesse sentido, é possível observar que em lojas de departamento, por exemplo, há um determinado corpo entendido enquanto “saudável” que pode usufruir desses produtos já que os tamanhos são limitados e direcionados ao discurso da medida e da padronização. Concomitante a isso há a falta de identificação das mulheres que não cabem nesse padrão e como consequências desse não pertencimento são desencadeados problemas de autoestima e transtornos alimentares dando margem a tendências de autodepreciação do corpo e, em âmbito social, há a aversão a esses corpos distintos e que opõem-se ao padrão, gerando uma disformia. (TEM PLUS SIZE NAS LOJAS DE DEPARTAMENTO? *fast fashion*).

A partir dessa aversão é possível pensar a desfeminização desses corpos que, mesmo femininos, não são vistos como tais. Há relatos de mulheres que dizem sentir tratamentos diferentes em relação a si e outras mulheres magras, há, por exemplo, a falta de contato e formas

mais impessoais de tratar essas mulheres, o que reforça a ideia de não desejo ao corpo gordo que, mesmo inconscientemente, é o corpo rejeitado e interdito nos espaços da cidade e desprezados em relacionamentos interpessoais. (CORREIA, 2016).

[...] Eu não consigo aceitar o fato de que uma pessoa possa realmente gostar de mim. Tipo romanticamente falando porque, pra mim, você gostar de uma pessoa é o combo da personalidade mais atração física e eu nunca vou ter a parte da atração física, entendeu? Na minha cabeça ninguém nunca vai sentir atração física por mim [...]. (BEATRISSEY, 2022)

A passagem anterior é um relato de Victória Beatrissy em seu perfil no TikTok que conta com mais de 200 mil seguidores. Victória representa a mulher assombrada e que foi obrigada a invalidar e odiar o corpo com que nasceu. É cruel e inadmissível que tais pensamentos sejam cultivados por essa sociedade que finge não enxergar o mal que faz às meninas e mulheres como Victória.

A partir dessa problemática, e linha de percepção, é possível esperar a fundamentação e entendimento do porquê desse padrão estar estabelecido e enraizado na sociedade, haja vista todas as consequências que o capitalismo trouxe à mesma e, principalmente, às mulheres que não se enquadram nessa projeção do ideal e estão à margem do esperado não correspondendo ao projeto vencedor. Portanto, esta pesquisa monográfica examinará os efeitos da gordofobia e o discurso opressor em torno da ideia do corpo perfeito do símbolo ocidental na cultura atual.

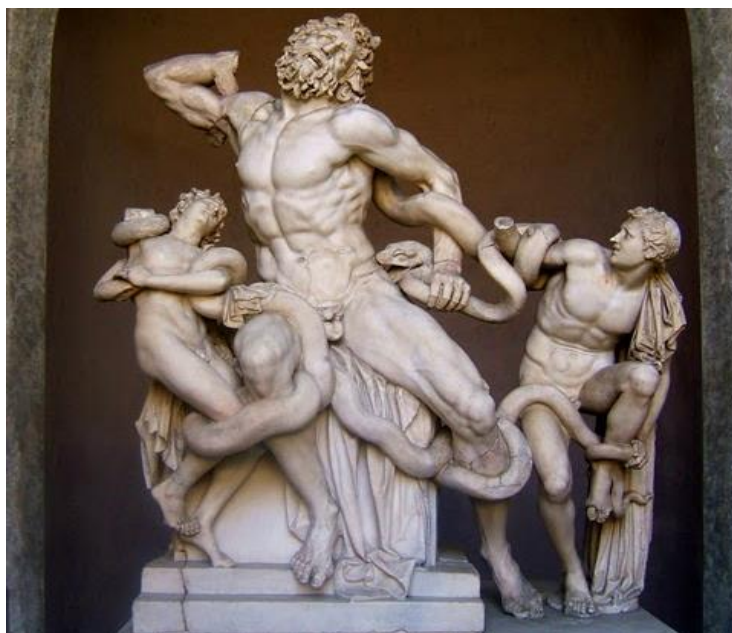
Com esse trabalho de pesquisa, buscamos evidenciar tal problema vigente que é silenciado e cultivado socialmente há séculos. Por assim, a pesquisa servirá como uma reflexão crítica em torno da problemática de corpos de mulheres gordas tendo em vista que seu resultado proponha o caminho para o avanço e o auxílio de muitas jovens que são vítimas desse sistema. Contudo, o trabalho fará seu retorno à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como ferramenta e instrumento de uma política pública de saúde no combate à gordofobia.

1.Culto ao perfeito: Patologização e marginalização do corpo gordo

É possível citar várias sociedades e organizações sociais que ditaram comportamento e conduta no mundo, no entanto, entendendo a discussão presente nesta pesquisa, destaca-se a sociedade greco-romana como maior influenciadora no ocidente em relação às questões e regras que priorizavam a beleza.

Os gregos entendiam como religião o homem, acreditavam que a inteligência e sabedoria política de conduzir uma sociedade de forma democrática era um dom de deuses e essa representação estava, principalmente, na perfeição, simetria e estética presentes nas artes gregas e esses seres místicos eram completamente semelhantes aos humanos, eram seres perfeitamente humanos, a representação viva desses deuses perfeitamente esculpidos no mundo (MEDEIROS, Adriana Principia 023 Artigo 009, 2023).

Ao pensarmos na sociedade grega logo vem à tona o forte interesse e defesa do ideal de perfeição e de beleza que são todas muito bem expressas em suas esculturas e arte desse período que representa o homem com magníficos detalhes, proporções e simetria que endeusa aqueles corpos ditos perfeitos para representar seus seres divinos que são representações de tudo que o homem deveria seguir e se espelhar.



Laocoonte e seus filhos, séc. II a.C. Museus Vaticanos.

Entendendo a mídia e a arte como principais veículos de propagação de informações e cultura, podemos entender a arte romana como instrumento principal para influência na cultura ocidental como foi e como é hoje. Com isso, entendemos com obras como “Afrodite” (deusa do amor e desejo) e a famosa escultura de “David”, que apesar de ser do período que corresponde ao renascimento cultural italiano inspira-se na antiguidade greco-romana, que o ideal de perfeito e que deveria existir na sociedade são corpos malhados e magros, eretos e rigorosos, firmes em rigorosa posição frontal, sem nenhum daqueles pequenos e inevitáveis defeitos que todo ser humano possui. (PROENÇA, p. 28, 1996) (CONTI p 35, 1987).

Para entender o corpo gordo é preciso compreendê-lo quanto ao conceito. Com isso, é importante estabelecer a diferença entre obesidade e ser gordo. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) a obesidade é o excesso de gordura corporal, em quantidade que determine prejuízos à saúde e, nessa pesquisa, lê-se “gordo” como uma pessoa acima do “peso ideal” estabelecido pelo IMC (Índice de Massa Corporal) que não apresenta complicações em sua vida cotidiana por conta do peso. A partir da definição acima entende-se, portanto, obesidade como uma doença que, não necessariamente está relacionada com ser gordo e sim com como esse peso pode ser agente causador de complicações clínicas, portanto, uma pessoa gorda saudável não é uma pessoa obesa (doente).

No entanto, a partir de 1980 há o reconhecimento da obesidade como “epidemia mundial” o que dá início ao crescente “combate à obesidade” ou, combate às pessoas gordas (BASTOS, Marina 2020). Desde que a obesidade passou a ser entendida como epidemia surge então a guerra à obesidade e corpos gordos a partir da midiaticização alarmista e políticas segregatórias que marginalizam esses corpos como quando estipulam um corpo “de verão” que exclui o corpo dessas mulheres. Estendendo a compreensão da mídia na propagação do imaginário padrão de beleza é possível pensar a segregação e culpabilização de pessoas gordas por serem gordas. A midiaticização alarmista propaga para o entendimento popular sobre a questão a partir do discurso da individualização de um problema social. (ARAGÃO, 2012).

A individualização desse problema social acontece quando grandes empresas de fast food e produtos taxados como altos em gorduras, sódios, açúcares e venenos para a saúde da população tem livre espaço no mercado liberal o que impulsiona e facilita o consumo dos mesmos, que estão diretamente vinculados com o alto índice de sobrepeso na população, tendo em vista pesquisas estadunidenses que comprovam que alunos que tinham suas escolas próximas a redes de fast food apresentavam maior quadro de obesidade que alunos em casos contrários. (PALMA, Alexandre: Os pesos de ser obeso 2012). Ao que parece ninguém leva a

sério combater a obesidade como um problema de saúde pública, e sim como um pecado individual pronto para ser condenado e estigmatizado.

Com isso, grandes veículos midiáticos, patrocinados por essas mesmas grandes empresas de fast food e alimentos altamente calóricos assumem uma perspectiva parcial que favorece o enriquecimento e lucro dessas empresas e de seus veículos midiáticos e culpabiliza e individualiza a obesidade ou sobrepeso à pessoa obesa ou acima do peso a partir do discurso do descuido, sedentarismo, falta de cuidado com a própria alimentação e, em minha opinião, o mais cruel dos discursos, aumento de gastos do Estado com esses indivíduos. (ARAGÃO, 2012). Seria o discurso do aumento de gastos o mais cruel pois, com ele, se dá espaço para uma política de incentivos individuais e com teor punitivos, o que dá margem, tal como nos tempos fascistas de Hitler e Mussolini, à fiscalização popular a fim de “ajudar e contribuir” para o Estado, os famosos “braços e pernas” do Estado. Tal comportamento inicia a caça às bruxas às pessoas gordas que precisam comer seus brigadeiros, pastéis ou cervejas comuns como criminosos que sobrecarregam as economias do Estado e o Sistema de Saúde Brasileiro com suas “complicações por conta do peso” que originam quadros de transtornos alimentares, de distorção de imagem, baixa autoestima e diversas outras problemáticas consequentes da opressão às pessoas gordas. (PALMA, Alexandre)

“Nossa, ela dança muito bem nem parece que é gorda” “A magrinha é linda e a gordinha é muito engraçada” “Cara, você tem que emagrecer, ter mais amor-próprio” (Revista Marie Claire o globo, 2019). Essas são algumas das frases comuns de serem ouvidas por uma pessoa gorda. O julgamento constante sobre esses corpos faz valer a ideologia e o projeto político que segrega e marginaliza corpos gordos. Esses corpos fora do padrão são constantemente enxergados pelo discurso do descuido, inútil, doente e incapaz. O corpo gordo é constantemente atacado com discursos gordofóbicos que o diminuem e o questionam a todo tempo.

Uma das questões presentes no cotidiano desses indivíduos é a falta de desejo e sentimento de não merecimento de amor, afeto e desejo pelo próprio corpo e, focando nos enfrentamentos femininos nessa pesquisa, é possível entender como esse cotidiano é a partir de uma passagem de Victória Beatrissy, uma influencer com mais de 200 mil seguidores em seu perfil no TikTok.

[...] Eu não consigo aceitar o fato de que uma pessoa possa realmente gostar de mim. Tipo romanticamente falando porque, pra mim, você gostar de uma pessoa é o combo da personalidade mais atração física e eu nunca vou ter a parte da atração física, entendeu? Na minha cabeça ninguém nunca vai sentir atração física por mim [...] (BEATRISY, 2022)

“Nesse jogo de opostos, a sexualidade humana tem seu exercício orientado pelo que se sabe e se diz do sexo (corpo), para que esse corpo sexuado (e sexualizado) se torna pedra

fundamental para a elaboração das regras que governam as práticas sexuais. Um *corpo natural* e naturalmente sexual, ligado a um (e único) gênero, é assim regulado de acordo com uma concepção de *normal* (e anormal) de suas funções e sua maneira de ser um corpo estará atrelada a isso. No caso de escapar do que essas regras prescrevem, será considerado um corpo avariado, descomposto, pervertido e doente”. (BAGIOTTO, Viviane). Com isso, é possível perceber como é infiltrado no imaginário dos indivíduos a ideia do que pode ou não ser amado ou desejado e, dentro dessa distinção, está o corpo gordo que é constantemente marginalizado e indesejado.

[...]o humano está preso a uma subjetividade, modos de ser e se conceber como sujeito e de agir no mundo, a partir de um dever de ser (assim) que coincide com um é verdadeiro ser (assim). O que salienta o prescritivo de tal subjetividade, uma vez nela se obedece a uma natureza enunciada do corpo. (BAGIOTTO, Viviane).

Tal natureza enunciada ao corpo é passada e contribuída pelas mídias com suas séries, matérias e discursos que favorecem a gordofobia e falta de desejo ao corpo gordo. Filmes como “O amor é cego (2001)” evidenciam o discurso gordofóbico e preconceituoso presente na nossa sociedade tendo em vista que, o personagem principal, Jack Black é hipnotizado para enxergar somente a “beleza interior” e começa a enxergar Rosemary (personagem por quem se apaixona e é gorda) magra, porque, entendendo a lógica do filme, obviamente a beleza e desejo estão ligados à magreza.”

[...]o sexo não pode mais ser pensado, segundo Butler, como um dado orgânico e *a priori* da natureza humana, mas como um produto elaborado em um jogo ou exercício de forças entre as ações corporais e todas as linhas que formam a sexualidade, e que, como tais, incidem sobre as determinações de gênero”.(BAGIOTTO, Viviane).

Por isso, o desejo passa do individual e único, o desejo passa a ser, tal como a ideia de gênero, um sentimento comprado e idealizado pelo imaginário e ideário popular, oriundos do padrão fascista, capitalista e branco do Estado Liberal que marginaliza, segrega e extermina tudo que vá contra ao padrão em vigor.

Quando era adolescente, eu inventava todo tipo de desculpa pra não vir à praia. Falava que estava menstruada, que tinha doença de pele... quando nada dava certo, eu vinha — e era aquela pessoa de legging preta e blusa larga sentada na areia”, diz Rayane, criadora da página “Gorda na Lei”. (BBC News Brasil, 2022).

A marginalização, segregação e interdição desses corpos em espaços públicos se dá, também, à individualização de um problema público como a obesidade, questão relacionada à saúde pública que é vista como falta de autocuidado, autoestima e descuido do indivíduo consigo mesmo, o que deixa de responsabilizar o poder público pela industrialização e comercialização de produtos que fazem mal à saúde com altas taxas de sódio, gordura e açúcares e passa a responsabilizar o indivíduo por um problema social.

É comum também casos em que o corpo gordo é duramente rejeitado, ainda mais em relação a experiências românticas. “Influencer declara que não ficaria com menina gorda e é detonado nas redes” (Revista Quem Globo, 2023). O conteúdo inferido em notícias como essas são o cotidiano do que essas meninas e mulheres ouvem e são submetidas e esse pensamento reforça nelas essa culpa, medo do abandono, problemas psicológicos, transtornos alimentares e de distorção de imagem. A partir disso, inicia-se a prática de associar o excesso de peso à falta de saúde e o peso “normal” à sua presença o que faz parte de um repertório que ficou conhecido no meio acadêmico como Salutarismo.

Entende-se como Salutarismo uma ideologia que promove a busca constante pela saúde e bem-estar, busca essa que tem contribuído para a crescente medicalização da vida cotidiana. A ideologia é promovida por várias instituições e indústrias, incluindo a indústria farmacêutica, a indústria de suplementos alimentares, a indústria do fitness e a mídia que, muitas vezes, promove uma imagem idealizada de saúde e bem-estar que é difícil de alcançar para a maioria das pessoas. (BASTOS, Marina, 2020). É possível entender, portanto, que as práticas Salutaristas da sociedade brasileira também colaboram com essa problemática. A patologização do corpo gordo faz com que fenômenos sociais sejam tratados como fenômenos clínicos e a interpretação médica dá margem para o preconceito ser justificado cientificamente. Sobre-peso é tratado como obesidade, o que reforça, constantemente, a ideia de que ganhar peso é errado e dá margem ao medo de engordar.

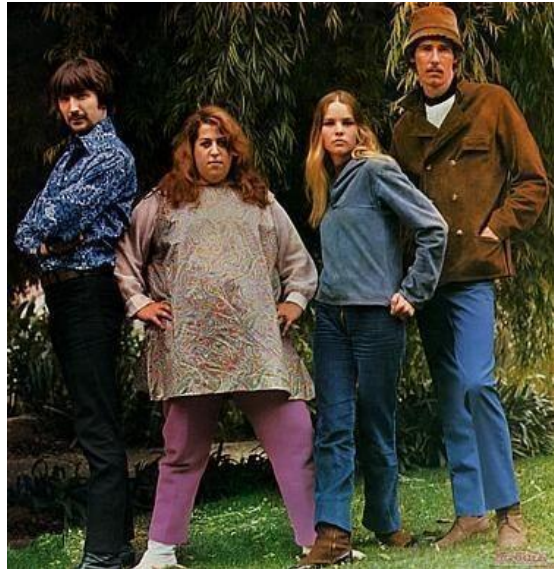
Toda essa insistência para emagrecer e o estigma que culpabiliza o indivíduo acabam se tornando fatores de risco, como apontado em alguns estudos. É importante entender que a perda de peso não está somente ligada a “Fechar a boca”, como é representada nas falas populares, e sim tudo que engloba a vida de uma pessoa com a rotina como um trabalhador brasileiro que tem, em média, 8h de carga de trabalho (PontoTel, 2023) e ainda precisa enfrentar, em média, 4 horas de deslocamento casa-trabalho (Valor Globo, 2022). A não possibilidade de adquirir suplementos, estimulantes e alimentos nutricionais e saudáveis que tanto se é romantizado no meio fitness, além do fator constrangimento num meio em que os corpos não musculosos e malhados são oprimidos e estigmatizados, são fatores que culminam no fracasso no processo de emagrecimento e que causam consequências negativas na vida dessas pessoas. Exemplos de resultados negativos são: o aumento da probabilidade de se engajar em comportamentos alimentares danosos à saúde; menor participação em atividades físicas devido ao preconceito sofrido nesses ambientes; a propensão a praticar medidas de controle de peso insalubres; e

maior vulnerabilidade para depressão, ansiedade, baixa autoestima, isolamento social e insatisfação corporal.

Um exemplo da problemática citada acima é o caso de Cass Elliot, cantora norte-americana que compunha o grupo “Mamas and Papas”(b) que foi um grupo vocal formado na Califórnia, Estados Unidos, nos anos 1960, por John Phillips, Michelle Phillips, ‘Mama’ Cass Elliot e Denny Doherty. A vocalista Cass Elliot (a) sofreu, durante toda sua vida, com a gordofobia, a entrada no grupo foi muito repudiada pelos próprios integrantes que diziam que a imagem da cantora não era o “perfil do grupo”, no entanto, sua voz e talento passavam por cima desse estigma, pelo menos até a saída da mesma do grupo após estresses constantes em relação ao tratamento que recebia na parceria. Durante toda a vida e após o fim dela, a gordofobia se fez presente na história da cantora que teve sua morte diminuída a um sufocamento com sanduíche, que foi encontrado ao lado de sua cama mordido, porém, a verdadeira causa da morte da cantora de sucesso foi um ataque cardíaco fatal enquanto dormia causado por complicações originárias das rigorosas dietas que Cass aderiu durante toda sua vida em busca do corpo ideal.



Cass Elliot (a)



The Mamas And The Papas (b)

Portanto, é inegável que haja a gordofobia e estigma de mulheres gordas na sociedade brasileira e mundial. Com isso, é necessário o entendimento de como esse discurso e atos de ódio a essas pessoas podem acarretar transtornos mentais, disformia corporal, transtornos alimentares e de autoestima.

2. Gordofobia: de Desfeminização do corpo gordo feminino à Gordofobia como uma expressão do Realismo Capitalista

A partir do entendimento da gordofobia e das complicações diárias que essa implica na vida das mulheres gordas no Brasil, originam-se, também do preconceito, os consequenciais transtornos psicológicos, físicos e alimentares que assombram as vivências dessas mulheres (TAROZO, Maráisa. 2019). Ansiedade, depressão, bulimia, transtorno de imagem, transtornos alimentares, isolamento social, desfeminização do corpo gordo feminino, entre outros, preenchem a vasta lista de doenças que surgem como resposta à opressão, pressão e ataques que essas mulheres sofrem por não pertencerem à ideia de “corpo ideal” vigente. (IBO – Os efeitos da Gordofobia, 2023).

Muito frequentemente um sujeito quem vem à análise (psicanálise) com uma questão como essa (obesidade) ele passou por anos, às vezes uma vida inteira, às voltas com uma espécie de massacre de si em torno de controle-se, conte calorias, vigilantes do peso e assim por diante. (DUNKER, Christian, 2016)

Algumas mulheres, com grande esforço, buscam se adequar ao ideal do corpo perfeito e começam a enfrentar a “luta contra o peso” e muitas delas expõem esse cotidiano em suas redes sociais. Além da Victoria Beatrissy, já citada anteriormente, é possível pensar na influenciadora Alexia Tamira, que conta com mais de 10 milhões de seguidores em uma de suas redes sociais, que expõe o seu processo de emagrecimento para seus seguidores. “... Gente, nessa época eu tava muito magra e nessa época eu tava recebendo tanto elogio: ‘como você tá bonita’ ‘como você tá ficando maravilhosa’ e aquilo me deixava tão feliz. Quanto mais eu emagrecia, mais eu ficava feliz. Mas o que vocês não sabiam é que eu estava doente. Sabe esse vídeo? Eu tava mais de 5 dias sem comer”. A partir da fala de Alexia em seu vídeo “era tudo mentira” entende-se o transtorno alimentar presente em cada fala e atos da influencer. Apesar de absurdo, ficar tantos dias sem comer para emagrecer não é algo incomum para meninas e mulheres gordas, o que evidencia um dos principais quadros que expressam as doenças consequentes da gordofobia.

De acordo com uma tese desenvolvida pela nutricionista Greisse Viero da Silva Leal, doutora em Ciências, da Universidade de São Paulo (USP), os índices de jovens vivendo com comportamentos de risco para transtornos alimentares é bastante expressivo. Em sua pesquisa, realizada com 1.167 adolescentes de escolas técnicas do Centro Paula Souza, na cidade de São Paulo, 12,2% dos jovens entrevistados tinham algum comportamento de risco, a maioria do gênero feminino. Práticas não saudáveis, como pular refeições, usar medicamentos ou fumar mais com o objetivo de perder peso eram utilizadas por 31,9% desses jovens (FORUM, 2015).

Apesar de comum para mulheres gordas, o transtorno alimentar está presente também na vida de mulheres magras, passando a evidenciar a anorexia, um também transtorno alimentar que é caracterizado não só por não comer por longo tempo e induzir o próprio vômito, mas também pela obsessão por atividades físicas para se manter num peso abaixo do normal. Tal doença está também presente na vida de mulheres magras pelo fato da gordofobia não afetar somente pessoas gordas, tendo o exemplo também da youtuber Kéfera que, recentemente, postou em sua conta no Instagram em 13/11/23 um story em que fala sobre sua experiência com o transtorno alimentar e a anorexia como consequência. “... quando eu era mais nova, até adolescente com uns 12/13 eu acompanhava muitas meninas e me inspirava em muitas mulheres e por conta de pressão estética sempre vem muito isso de ser muito magra, muito “seca” e isso, com certeza, foi um fator muito importante que desencadeou questão de compulsão alimentar, transtorno alimentar, já comentei com vocês sobre anorexia, bulimia que eu já tive”. Com a fala da Youtuber, que representa uma porcentagem significativa de toda sociedade feminina brasileira, sendo uma mulher que sempre foi lida como magra, nota-se que a gordofobia está institucionalizada, midiaticizada, globalizada e é um efeito cultural e a cultura da gordofobia está enraizada em cada átomo da sociedade brasileira e mundial e faz com que a busca pelo corpo ideal seja nunca suprida, o que caracteriza e origina tais comportamentos e medidas insalubres para tentar se encaixar na estética feminina ideal e inalcançável.

Levando em consideração o trabalho de Viviane Bagiotto e todos os trabalhos que apresentaram conclusões que se tornaram o pilar dessa monografia, o conceito de desfeminização do corpo gordo feminino se torna uma conclusão das pesquisas feitas ao longo deste trabalho. O conceito de desfeminização se dá na origem do pensamento de que se precisa esconder, condenar e subjugar um corpo “anormal”. Entendendo que um corpo natural e naturalmente sexual, ligado a um (e único) gênero, é assim regulado de acordo com uma concepção de normal (e anormal) de suas funções e sua maneira de ser. No caso de escapar do que essas regras prescrevem, será considerado um corpo avariado, descomposto, pervertido e doente tal como o corpo de uma mulher gorda. A não opção de tamanhos plurais em lojas, definição de um “corpo de verão” e, conseqüentemente, interdição de corpos distintos desse espaço, como falado por Rayane, o sentimento criado de não merecimento de um amor romântico como experienciado e relatado por Victória Beatrissy, e todas as formas, já destacadas neste trabalho, e na vida de mulheres que não correspondem ao padrão de beleza vigente, exemplificam o que é a desfeminização do corpo gordo feminino. Quando uma mulher se olha no espelho e só consegue se sentir indigna e menos feminina por ser gorda ela expressa

o conceito de desfeminização. O exemplo de Kamilly, que compartilhou um vídeo em sua rede social no qual fala sobre coisas que não faz por ser gorda, evidencia tal consequência da gordofobia na vida de uma mulher. “... eu não uso vestido, não uso essas coisas, todas essas roupas delicadas, porque parece que ficam muito brutas em mim porque eu sou grande, porque eu sou bruta, meu corpo é bruto, é um sofrimento eterno, apenas sofrimentos.”. A desfeminização do corpo de Kamilly e de muitas outras mulheres gordas se caracteriza por não conseguir se enxergar delicada, sexy e bonita como outras mulheres magras que aparecem em propagandas com esse tipo de roupa esbanjando feminilidade” e delicadeza. O fato de essas roupas também, muitas vezes, nem terem tamanhos grandes nas lojas de departamento e serem vendidas apenas para mulheres que cabem na numeração padrão pré determinada exclui, oprime e limita essas mulheres da moda e de se sentirem pertencentes à ideia de feminino. (TEM PLUS SIZE NAS LOJAS DE DEPARTAMENTO? *fast fashion*).

Ainda entendendo os efeitos, para a desfeminização, de não se ter esses tamanhos maiores de roupas em lojas começa a tendência dessas mulheres em procurar roupas na sessão masculina que, geralmente, tem numerações maiores que contemplam esse público com roupas não pensadas para destacar ou evidenciar o corpo feminino, escondendo esses corpos com roupas largas o que, levando em consideração o relato de Rayane, citado no capítulo anterior, que ia a praia de “calça legging e blusão” para esconder ao máximo o próprio corpo evidencia a tendência de desfeminizar o corpo gordo feminino.

(...)Se eu tiver numa festa e alguém estiver olhando para mim e eu tiver com alguma amiga minha que é magra eu não vou achar que ela tá olhando para mim, eu vou achar que ela tá olhando para minha amiga porque ela é magra e eu sou gorda, ou seja, na minha cabeça uma pessoa não pode tá olhando para mim só porque eu sou gorda. (KAMILLY, 2023.)

A questão de isolamento social e aversão ao corpo gordo feminino, evidenciados por manchetes, como a citada no último capítulo, do influenciador que declarou que não “ficaria” com mulheres gordas, evidencia uma crescente opinião pública que faz com que essas mulheres não se sintam desejáveis e não sintam que alguém pode às achar atraentes e bonitas por todo o estigma e preconceito enraizado na sociedade brasileira oriundos da gordofobia do sistema capitalista vigente.

Voltando a pensar na influenciadora Alexia Tamira, em um dos vídeos em seu perfil respondendo à pergunta “Qual o seu maior medo?” Ela responde com “Engordar de novo, pedir uma coxinha na padaria e as pessoas me olharem com deboche”. Com isso, é possível entender que, mesmo que esse padrão da magreza seja atingido, nunca será suficiente pois os efeitos da

gordofobia enquanto existir em magnitude institucionais, culturais e midiáticas continuará oprimindo e segregando essas mulheres as torturando com o medo constante de ganho de peso.

Também com o exemplo de Alexia de individualização de uma questão de saúde pública como a obesidade, a primeira maneira de “acabar” com o problema da gordofobia é emagrecer e se adequar a esse padrão. No entanto, há movimentos e lutas contra a gordofobia e, toda essa resistência surte efeitos e, uma das conquistas do movimento de “corpo positivo”, que tem como definição:

O termo “body positive” significa, em uma tradução literal, “corpo positivo”. Ele dá nome a um movimento que visa fazer com que as pessoas pratiquem a aceitação do próprio corpo. Um dos seus principais objetivos é lutar contra a limitação de padrões de beleza estabelecidos na sociedade. Isso é alcançado por meio do enaltecimento de outros tipos de corpos e características físicas. (ECYCLE, 2023.)

São a maior pluralidade de números de roupas nas lojas de departamento, por exemplo, assentos para obesos em espaços públicos e maior representatividade desses corpos nas mídias e propagandas conquistadas desse movimento. Apesar de todas as conquistas para mulheres e pessoas gordas, todas as “soluções” pensadas existem a fim de minimizar os efeitos da gordofobia que o sistema produz na sociedade. A partir disso, é possível pensar a “luta contra o peso” como um instrumento de propagação do Realismo Capitalista.

O Realismo Capitalista, conceito estudado por Mark Fisher, pensador britânico da esquerda radical que atuou como escritor, crítico, teórico cultural, filósofo marxista e professor, se caracteriza, superficialmente, com a ideia de que é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo. Apesar da semelhança com Capitalismo Tardio, conceito de Fredric Jameson, que diz que a estrutura do capitalismo dominante, um estágio do Capitalismo que se expandiu, para toda a população, principalmente a partir da tecnologia e velocidade de informação e que está, profundamente, interconectado, é o modelo capitalista vigente, que desumaniza e explora a classe trabalhadora. Já o Realismo Capitalista, de Fisher, não é só o domínio econômico e cultural do capitalismo, mas é o domínio do capitalismo sobre a nossa psíquica, daí se pensa a frase: É mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo. O Realismo Capitalista é uma atitude fatalista perante o capitalismo, um sentimento de inevitabilidade sobre o capitalismo e que não há razão para combatê-lo. Por isso realismo, pois o ser está sendo realista quando pensa que o Sistema é inevitável e, com isso, a única medida realista ao capitalismo é a sua adaptação já que não há outra opção a não ser aceitá-lo e viver nesse sistema tentando mitigar suas consequências catastróficas ao planeta e indivíduos. (Realismo Capitalista. 2009). Qualquer medida capaz de combater o capitalismo é entendida

como uma ideia utópica “sejamos realistas, o capitalismo nunca vai acabar, o que podemos fazer é mitigar os efeitos”.

“O neoliberalismo é a infraestrutura do Realismo Capitalista” (Mark Fisher). Quando voltamos a pensar sobre a não taxação e/ou não proibição de produtos industrializados com altas taxas de sódio, gordura e açúcares, como os das redes de fast food, evidenciamos a ligação neoliberalista do sistema atual com a gordofobia entendendo assim como uma expressão do conceito de Realismo Capitalista na prática. (A VERDADE, 2022).

Portanto, a individualização do problema de saúde pública, que é a obesidade, é generalizada e realista quando se tira a responsabilidade do Estado dessa problemática e buscam medidas para mitigar os efeitos da gordofobia na vida de mulheres gordas no Brasil do que acabar com a gordofobia. Medidas como maior pluralidade de tamanhos de roupa nas lojas de departamento, emagrecimento dessas pessoas que são gordas, tratamento dos transtornos mentais e alimentares das mesmas são só medidas para minimizar os efeitos da gordofobia e, conseqüentemente, do Realismo Capitalista no Sistema Capitalista gordofóbico, misógino, conservadorista e patriarcal atual da Sociedade brasileira. Entende-se, portanto, que os efeitos da gordofobia são fatais para as mulheres brasileiras que sofrem, diariamente, com os problemas que a midiática e propagação da gordofobia na sociedade provocam, ou seja, para que haja a aceitação da corporeidade dos corpos de mulheres gordas e/ou fora do padrão é preciso, radicalmente extinguir um padrão e preconceito que está enraizado na estrutura social do Brasil e mundo, com isso, só é possível pensar, de fato, uma solução para tal problemática com o fim do sistema problemático e doentio atual. O fim do capitalismo é preciso para que haja o fim das segregações corpóreas, discriminação, desfeminização, problemáticas de saúde, tanto mentais quanto físicas, para mulheres gordas e para que exista uma sociedade em que todos, de fato, sejam respeitados e para que a igualdade seja o pilar principal no convívio interpessoal entre os indivíduos.

Apesar do caráter quase heroico e utópico que está no imaginário popular em acabar com o sistema de governo atual, cujo qual explora e destrói mentes e corpos no mundo, a revolução está no dia a dia. Mesmo que tenhamos lido e aprendido, em toda nossa existência, que a independência ou revolução de qualquer nação tenha sido concretizada quando se houve um fato específico, tudo acontecia muito antes, tendo esses eventos marcantes, como a queda de Fulgêncio Batista, em Cuba, apenas sendo uma consequência de toda organização iniciada em décadas anteriores aos acontecimentos que nos são apresentados quando vamos entender as conquistas mundiais da classe trabalhadora. Portanto, pensar questões como gordofobia e

como, factualmente combatê-la e combater o sistema não é algo fictício, é realidade e possibilidade quando, nas mídias e espaços controlados pela burguesia conseguimos nos organizar e nos entender como classe. As redes sociais, por exemplo, principal espaço comprado e controlado pela classe burguesa opressora, desempenha papel fundamental e extraordinário para alcançar e cooptar aliados que, muitas vezes, nunca tiveram acesso a discussões importantes como luta e conquistas de classe em seu cotidiano e que, a partir da inversão de papel dos valores que um veículo burguês deveria desempenhar e reconhecimento e alcance de figuras como: Ian Neves, Tiago Santineli, Carolline Sardá e todos os perfis de mulheres que falam publicamente sobre suas vivências a partir da ótica de quem é atingido, constantemente, com tudo que a gordofobia e dialética capitalista do Estado burguês brasileiro pré determina, são linha de frente da esquerda radical do país e da oposição do padrão vigente e corroboram com os avanços para a construção da que será conhecida como Revolução Brasileira.

CONCLUSÃO:

A partir do recorte histórico do ocidente entende-se a sociedade greco-romana como pilar principal na fundamentação e estruturação do que entendemos hoje quanto a sociedade. Sua grande influência na construção das sociedades ocidentais impactou, também, no que é considerado belo e atraente, o que deu origem ao que entendemos como padrão de beleza e corpo e imagem ideal a ser seguido.

Como idealização do corpo perfeito tem-se as esculturas e obras inspiradas nas esculturas romanas e, entendendo a escultura de Afrodite (deusa do amor, desejo e paixão) percebe-se o que se é esperado de um corpo feminino desejável e apaixonante. Com isso, instaura-se a gordofobia como principal preconceito e radicalização do ódio a tudo o que se é contrário à imagética do padrão de beleza e, com a patologização de corpos gordos pelo discurso da “saúde” e instaurada a luta contra a obesidade (pessoas gordas), os indivíduos que não correspondem ao que se lê como ideal sofre, constantemente, com a segregação, discriminação, marginalização e subjugamento sobre seus corpos e aparências.

Desde a mídia até a saúde há a culpabilização individual de pessoas gordas e, entendendo a sociedade atual como uma sociedade neoliberal, a “mão” do Estado na economia é mínima quando se diz respeito ao bem-estar e saúde da sociedade o que faz grandes empresas de fast food e produtos industrializados com alto teor de sódio, açúcares e gordura terem livre mercado e não serem culpabilizados, punidos ou extintos do comércio brasileiro o que é, também, uma característica que leva a culpabilização individual de uma pessoas gorda, característica fascista do Estado brasileiro que passa a tratar a obesidade, problema de saúde pública, como consequência individual, isentando a responsabilidade do Estado em relação a saúde da população.

Entendendo as consequências da culpabilização de um indivíduo por conta do seu peso é possível pensar nas problemáticas cotidianas enfrentadas por mulheres gordas que vão desde a segregação desses corpos em espaços públicos como também à desfeminização desses e os transtornos físicos e mentais da gordofobia na vida de uma mulher gorda. Transtornos alimentares como compulsão alimentar, anorexia e bulimia como os transtornos mentais como depressão e ansiedade se tornam realidade na vida dessas mulheres e as oprimem e assassinam dia após dia, evidenciado com o caso de Cass Elliot e muitas outras que foram citadas neste trabalho expõe como a gordofobia é um problema real e cruel do sistema vigente.

Com isso, torna-se possível a interligação do Realismo Capitalista com a gordofobia do capitalismo, entendendo que é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo tal como é possível imaginar o fim da vida de mulheres gordas que o fim da gordofobia. Logo, lê-se o Capitalismo como principal causador da gordofobia tendo em vista a forte midiáticação e ódio ao corpo gordo fortemente patrocinado e apoiado pelo sistema tendo em vista que, corpos adoecidos se tornam doentes e, o domínio psíquico dessas pessoas faz com que não consiga mais ser pensada uma solução possível a esses problemas que corresponder ao domínio e consequências dele e se submeter ao ideal doentio do sistema vigente. No entanto, tal como as organizações midiáticas e políticas de esquerda radical, esse trabalho se junta a esse viés para colaborar com a busca de um mundo melhor e mais igualitário para que os indivíduos possam viver e conviver em harmonia e igualdade tendo sua saúde física e mental como prioridade.

REFERÊNCIAS

- A VERDADE - Capitalismo e gordofobia. 31/01/2022. Disponível em: <https://averdade.org.br/2022/01/capitalismo-e-gordofobia/> . Acesso em: 21/11/2023.
- BAGIOTTO, Viviane - Butler: Corpos que importam ou sobre a pergunta pela materialidade do corpo. 2015. Acesso em 07/09/2022: <https://revista.reflexionesmarginales.com/butler-corpos-que-importam-ou-sobre-a-pergunta-pela-materialidade-do-corpo/#:~:text=A%20pergunta%20sobre%20o%20a%20materialidade,lacunas%20que%20Butler%20encontra%20no>
- BASTOS, Marina Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia – 2020
- Coisas que eu não faço por ser gorda. 1 vídeo (02:09min). Publicado pelo perfil kferra_ri. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMj3bwo91/> . Acesso em: 13 Nov. 2023.
- CORREIA, Tatiane. Gordofobia: a aversão ao corpo gordo e cidadania. GGN, São Paulo, 30 de junho de 2016. Disponível em: <URL> <https://jornalggn.com.br/cidadania/gordofobia-a-patologizacao-do-corpo-gordo/> . Acesso em: 31 Mai. 2023
- CRAWFORD, Robert - Salutarismo e medicalização da vida cotidiana. 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1775>. Acesso em: 31 Mai. 2023
- FISHER, Mark. Realismo Capitalista. 27 de novembro de 2009
- FÓRUM - Transtornos alimentares: uma questão de gênero e gordofobia. 21/07/2015. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/news/2015/7/21/transtornos-alimentares-uma-questo-de-gnero-gordofobia-13226.html>. Acesso em: 21/11/2023.
- GIRARDI, Giuliana. Jojo fala sobre luta contra a gordofobia: ‘Vocês, preconceituosos, não passarão’. G1, Rio de Janeiro, 19, Outubro, 2022. Disponível em: <URL> <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/19/jojo-fala-sobre-luta-contr-a-gordofobia-voces-preconceituosos-nao-passarao.ghtml> . Acesso em: 31 Mai. 2023
- Instituto Baiano de Obesidade (IBO) - Os efeitos da Gordofobia. 2023 . Disponível em: <https://institutobaianodeobesidade.com.br/os-efeitos-da-gordofobia/>. Acesso em: 13 Nov 2023.
- MACHADO, Andressa. Padrões de beleza restritivos causam sofrimento a mulheres. Humanista, Rio Grande do Sul, 24, maio, 2018. Disponível em: >URL< <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/05/24/padroes-de-beleza-restritivos-causam-sofrimento-a-mulheres/> . Acesso em: 31 Mai. 2023
- MEDEIROS, Adriana. O IDEAL DE BELEZA NA ESCULTURA GREGA: REFLEXÕES SOBRE AS ACEPÇÕES FORMAIS CONSTRUÍDAS PELA SOCIEDADE GREGA. Principia 023 Artigo 009, 2023. Disponível em: <URL> <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/6283> . Acesso em: 30 Nov. 2023

Ministério da Saúde Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS) - Promoção da Saúde e da Alimentação Adequada e Saudável. Disponível em:

<https://aps.saude.gov.br/ape/promocaosaude/excesso#:~:text=A%20obesidade%20est%C3%A1%20relacionada%20ao,outras%2C%20reduzindo%20a%20qualidade%20e>). Acesso em: 31 Mai. 2023

PALMA, Alexandre: Os “pesos” de ser obesotraços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. 2012. Acesso em 07/09/2022. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29089>

PontoTel - Jornada de trabalho semanal: o que diz a CLT e quais são os tipos existentes e as escalas permitidas. 2023. Disponível em:

<https://www.pontotel.com.br/jornadadetrabalhosemanal/#:~:text=Portanto%2C%20ao%20seguir%20as%20normas,realizar%20at%C3%A9%2044%20horas%20semanais>. Acesso em: 31 Mai. 2023

PRECIADO, Paul. Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 edições. 2008

Qual seu maior medo?. 1 vídeo (00:11min). Publicado pelo perfil Alexia Tamira. Disponível em:<https://vm.tiktok.com/ZMj3VQ1My/>. Acesso em: 14 Set. 2023.

Realismo Capitalista (É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo). 1 vídeo (43:50min). Publicado pelo canal História Pública. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=f62SRvGCPQo> . Acesso em: 21 Nov. 2023.

Revista Marie Claire Globo - Não parece, mas é gordofobia: 20 frases que todo mundo diz e acha normal 2019. Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/07/nao-parece-mas-e-gordofobia-20-frases-que-todo-mundo-diz-e-acha-normal.html>. Acesso em: 31 Mai. 2023

Revista Quem Globo - Influencer declara que não ficaria com menina gorda e é detonado nas redes; assista ao vídeo. 2023. Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2023/01/influencer-declara-que-nao-ficaria-com-menina-gorda-e-e-detonado-nas-redes-assista-ao-video.ghtml>. Acesso em: 31 Mai. 2023

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(8) - “Imagina ela nua!”: Experiências de mulheres que se autodeclararam gordas. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/zFY8HjQdg4CmsSXBmzYp6zS/?lang=pt>. Acesso em: 31 Mai. 2023.

TEM PLUS SIZE NAS LOJAS DE DEPARTAMENTO? fast fashion. 1 vídeo (08:30min). Publicado pelo canal Thimiriz Garcia. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=O8eof4IXRDo> . Acesso em: 14 Nov. 2022.

TAROZO, Maraísa. Impacto das Consequências Psicossociais do Estigma do Peso no Tratamento da Obesidade: uma Revisão Integrativa da Literatura. Universidade de São Paulo, SP, Brasil, outubro, 2019. Disponível em: >URL< <https://doi.org/10.1590/1982-3703003190910> . Acesso em: 21 Nov. 2023

TEM PLUS SIZE NAS LOJAS DE DEPARTAMENTO? fast fashion. 1 vídeo (08:30min).
Publicado pelo canal Thimiriz Garcia. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=O8eof4IXRDo> . Acesso em: 14 Nov. 2022.

Revista Valor Globo - IBGE: Tempo de deslocamento ao trabalho no país é de 4,8h por semana, mas chega a 7,8h em SP. 2022. Disponível em:
<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/05/07/ibge-tempo-de-deslocamento-ao-trabalho-no-pais-e-de-48h-por-semana-mas-chega-a-78h-em-sp.ghtml>. Acesso em: 31 Mai. 2023

Ecycle - Body positive: tudo sobre o movimento. 2023. Disponível em:
<https://www.ecycle.com.br/body-positive/>. Acesso em: 14 Nov. 2023

Revista Marie Claire Globo - Não parece, mas é gordofobia: 20 frases que todo mundo diz e acha normal 2019. Disponível em:
<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/07/nao-parece-mas-e-gordofobia-20-frases-que-todo-mundo-diz-e-acha-normal.html>. Acesso em: 31 Mai. 2023

Revista Quem Globo - Influencer declara que não ficaria com menina gorda e é detonado nas redes; assista ao vídeo. 2023. Disponível em:
<https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2023/01/influencer-declara-que-nao-ficaria-com-menina-gorda-e-e-detonado-nas-redes-assista-ao-video.ghtml>. Acesso em: 31 Mai. 2023

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(8) - “Imagina ela nua!”: Experiências de mulheres que se autodeclararam gordas. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/zFY8HjQdg4CmsSXBmzYp6zS/?lang=pt>. Acesso em: 31 Mai. 2023.

Revista Marie Claire Globo - Não parece, mas é gordofobia: 20 frases que todo mundo diz e acha normal 2019. Disponível em:
<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/07/nao-parece-mas-e-gordofobia-20-frases-que-todo-mundo-diz-e-acha-normal.html>. Acesso em: 31 Mai. 2023